

## **Para ler a leitura: Reflexões sobre anotações de Florestan Fernandes em um livro de Franz Boas**

Wilton C. L. Silva<sup>1</sup>

### **Resumo**

Busca-se resgatar assinalações localizadas em um exemplar do livro *Primitive Art*, de Franz Boas, que foi doado à UNESP com as anotações feitas por Florestan Fernandes no Prefácio e na Introdução do volume, ao lado do texto impresso. O texto manuscrito colocou no papel, de forma indelével, notas em tinta azul que aproximam algumas das idéias do pai da moderna antropologia americana e o exercício de leitura de um dos maiores cientistas sociais brasileiros. O documento não lança pistas sobre o diálogo intelectual, entre o escritor Boas e o leitor Florestan, mas nos desafia a interpretar uma experiência de leitura.

**Palavras-chave:** Florestan Fernandes, Franz Boas, Arte Primitiva, Antropologia, leitura.

---

<sup>1</sup> Professor Assistente Doutor da UNESP, docente de Antropologia do Departamento de História do Campus de Assis (SP). Endereço para contato: Rua Sebastião Gonçalves Sobrinho, 224, Jardim Portal do Sol, 17.519-410 Marília – SP. Tel.: (014) 9727-9658. E-mail: [wilton\\_silva@ig.com.br](mailto:wilton_silva@ig.com.br) / [wilton@assis.unesp.br](mailto:wilton@assis.unesp.br)

## **Abstract**

In this article I try to redeem some annotations in a copy of Franz Boas' *Primitive Art* donated to UNESP by Florestan Fernandes who wrote his comments in the book's preface and introduction beside the printed text. The hand-written text put on paper by indelible blue ink some notes which approximate some ideas of the founder of modern American anthropology and the practice of reading of one of the greatest Brazilian social scientists. The document does not give us any clue about an intellectual dialogue between the writer Boas and the reader Florestan, by provokes us to interpret an experience of reading.

**Key words:** Florestan Fernandes, Franz Boas, Primitive Art, anthropology, reading.

*Mas quem deverá ser o mestre? O escritor ou o leitor?*  
Denis Diderot

## **Introdução**

Livros estão condenados a uma cruel impermeabilidade: embora possam ser donos de imensas e preciosas informações, enfileirados em enormes estantes e labirínticas bibliotecas, em que saciam nossas estratégias de enumeração, estão mudos uns para os outros, incapazes de compartilhar entre si as riquezas que detêm.

O diálogo entre os diferentes livros se estabelece quando são percorridos pelos olhos de um mesmo leitor, que vai criando vínculos entre suas experiências literárias passada e presente, aproximando de forma

intelectual aquilo que fisicamente está inevitavelmente separado.

Os leitores, por sua vez, formam um ramo particular do *Homo sapiens*, aquele ramo da espécie que poderia ser classificado como o do *Homo litteris*, que se tornam testemunhas, cúmplices, apologistas e críticos dos textos com que entram em contato.

Sob tal perspectiva, percebe-se que atrás dos códigos, de números e letras, 573.3, B662p, c742 está localizado na biblioteca da Universidade Estadual Paulista, no Campus de Marília, um especial exemplar do livro *Primitive Art*, de Franz Boas, edição de 1951 da Capitol Publishing Company (Irvington-on-Hudson, New York), assinado e datado (28/IX/54) por Florestan Fernandes.

O que há de especial nesse exemplar são as anotações feitas por Florestan Fernandes no Prefácio e na Introdução do volume, em que à mão, ao lado do texto impresso, se colocou, de forma indelével, anotações em tinta roxa<sup>2</sup> que aproximam idéias fundamentais do pai da moderna antropologia americana e o exercício de leitura de um dos maiores cientistas sociais brasileiros<sup>3</sup>.

Cabe salientar que as assinalações de Florestan marcam o encontro desse intelectual com um autor e de um tema que não estão entre os fundamentais de sua formação ou trajetória, nem naquele momento nem no futuro, portanto o nosso objetivo privilegia somente um momento específico de interlocução, mais na ambição de resgatar as anotações do que de oferecer uma análise original a partir das inferências e intuições que o material poderia sugerir.

---

<sup>2</sup> “Florestan Fernandes Jr. lembra do pai corrigindo as provas espalhadas na mesa de jantar com a caneta tinteiro Parker roxa famosa – e temida – entre seus alunos. Muitas vezes, os comentários do professor eram mais longos que a própria prova” (Aguar 2001)

<sup>3</sup> Sobre a consolidação das ciências sociais mostram-se fundamentais os dois volumes Miceli (1995a, 1995b), o pioneiro trabalho de Peirano (1992) e mais recentemente os de Martins (1998), Gracia (2002) e ainda Arruda & Gracia (2003).

Metodologicamente buscaremos a reconstituição o mais precisa possível das assinalações produzidas por Florestan, mantendo todas as anotações presentes no texto (mesmo que destituídas de comentários por parte do leitor, pois o presente trabalho entende necessário oferecer tal tipo de acesso a futuros pesquisadores), traduzindo-o em nota de rodapé para facilitar o entendimento do mesmo e buscando utilizar diferentes padrões para permitir a visualização dos referenciais utilizados no texto manuscrito.

É necessário, antes de tudo, contextualizar o contato entre o pesquisador que fundou a etnografia e que afirmou o enfoque teórico-metodológico da antropologia cultural, Boas, com o intelectual, Florestan, que é considerado como um precursor fundamental da etnologia brasileira<sup>4</sup> e que estabeleceu a partir dos referenciais teóricos da Escola Sociológica Francesa de Durkheim e Mauss e do estrutural-funcionalismo de Radcliffe-Brown e seus discípulos, um modelo de reflexão objetivo e sistemático que ligou a antropologia à sociologia (Peirano 1992, Cardoso de Oliveira 1996, Viveiros de Castro 1999, Moura 2004).

Dentro da produção bibliográfica do sociólogo brasileiro a leitura anotada desse volume de *Primitive Art* se situa entre a confecção de dois textos fundamentais de sua produção, com contato direto com o campo antropológico, *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*, de 1952, e *A etnologia e a sociologia no Brasil*, de 1958.

O contato de Florestan com a obra de Boas, no entanto, se fez em diferentes momentos e também com diferentes resultados, podemos destacar o período, na década de 1940, em que o sociólogo foi aluno apli-

---

<sup>4</sup> Viveiros de Castro (1999) identifica em Florestan Fernandes o precursor da etnologia indígena no Brasil, a partir de seu esforço de reconstituição do sentido e a totalidade da experiência social de um povo de língua tupi-guarani no século XVI, com o rigor científico e etnográfico exigido, a partir de documentos, crônicas e relatos.

cado de Emílio Willems, discípulo de Boas<sup>5</sup>, a presença de Boas (com um artigo e dois capítulos) na bibliografia de “obras utilizadas como fontes teóricas, na discussão ou no esclarecimento dos conceitos” de seu *Organização Social dos Tupinambás* (Fernandes 1963:356), ou na complexa relação que estabeleceu com Gilberto Freyre, mais importante discípulo de Boas no país, em que cabiam uma oposição intelectual à idéia de democracia racial<sup>6</sup> e elogios superlativos em carta que o convida para compor a banca de dois de seus orientandos na USP, Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni<sup>7</sup>.

A partir da discussão das características da obra de Franz Boas, da delimitação daquela que alguns consideram a produção antropológica de Florestan, e da discussão sobre de que forma memória, escrita e interpretação podem se fundir na análise de documentos, pretende-se perceber algumas particularidades da relação entre esses níveis de subjetividade.

## **A Antropologia Cultural e a contribuição de Franz Boas**

De forma bastante clara Stocking Jr. (2004) delimita as particularidades locais que influenciaram o surgimento da antropologia nos Estados Unidos: ocorre enorme ênfase na diversidade das culturas, com foco nos comportamentos individuais (mais do que no funcionamento das instituições), o que explica as relações locais entre etnologia e psicologia; além do estudo dos processos de interação entre os indivíduos e sua cultura, amplia a temática antropológica para o estudo das relações entre

---

<sup>5</sup> Conforme relato de Ab’Saber (s.d.).

<sup>6</sup> Exposto em diferentes momentos e que pode ser aprofundada em Fernandes (1978).

<sup>7</sup> Conforme entrevista de Fernando Henrique Cardoso em Carvalho (2000).

diferentes culturas (que permitirá forjar o conceito de aculturação); enfrenta a alteridade não no colonialismo, mas nas minorias; e supera precocemente os limites da orientação evolucionista.

Tal orientação teórica privilegiou a investigação das personalidades culturais e dos processos de difusões, contatos e trocas interculturais, a partir de diferentes paradigmas explicativos, com modelos teóricos com ênfase na história (o evolucionismo e o neo-evolucionismo), geografia (difusionismo), psicologia e psicanálise (o culturalismo), sendo identificada como Antropologia Cultural, em contraste com a Antropologia Social, desenvolvida na Inglaterra e na França.

A afirmação da especificidade de enfoque da Antropologia Cultural em relação à Social (tanto inglesa como francesa) permite a constituição de uma disciplina autônoma, com um enfoque maior sobre o comportamento dos indivíduos, que são considerados reveladores da cultura a qual esses pertencem, do que ao funcionamento das instituições sociais.

Embora a Antropologia Social e a Antropologia Cultural tenham o mesmo campo de investigação, os mesmos métodos (a etnografia) de acesso ao seu objeto e o mesmo objetivo, a análise comparativa, diferenciam-se na forma como a primeira compara as relações que grupos mantém dentro de um mesmo conjunto (etnia, região, nação) e para com outros conjuntos também hierarquizados, enquanto a segunda enfatiza as particularidades que apresentam os comportamentos individuais dos membros de um grupo, bem como suas produções originais.

A contribuição do antropólogo de origem judaico-germânica Franz Boas (1858-1942) no processo de gênese da Antropologia Cultural está diretamente ligada à sua posição de fundador de uma tradição etnográfica, ao ser o primeiro pesquisador a fazer pesquisa *in situ* para observação direta e prolongada das culturas primitivas, afirmando um novo enfoque teórico e metodológico.

Esse pesquisador, que fez sua formação intelectual em Heidelberg,

Bonn e Kiel, onde se doutorou em física e geografia (1881), participou de uma expedição à ilha de Baffin, no norte do Canadá (1883-1884), onde estudou os esquimós e redigiu conclusões importantes sobre as teorias difusionistas e evolucionistas.

Após essas pesquisas mudou-se para os Estados Unidos (1886), onde foi professor da Universidade de Clark, Massachusetts, e da Universidade de Colúmbia, em Nova York (1899), onde desenvolveu pesquisas sobre a antropologia física estatística, lingüística teórica e descritiva, assim como relevantes estudos etnológicos a respeito dos índios americanos, além de trabalhos relativos ao folclore e à arte autóctones. Entre sua vasta obra seriam destacados, quer pelo brilhantismo, quer pela influência, *The Mind of Primitive Man* (1911) e *General Anthropology* (1942).

A obra de Boas, através de suas marcantes características, lança as bases da moderna antropologia americana ao afirmar um ponto de vista microsociológico (com a descrição minuciosa, na busca da retranscrição mais fiel, das manifestações culturais observadas, e a consideração de cada sociedade em si e para si, como totalidade autônoma), a crítica elaborada das noções de origem e reconstituição dos estágios culturais, a defesa da monografia antropológica (na qual o pesquisador desenvolve em campo sua autonomia teórica), a legitimidade de todos os conhecimentos que compõem a cultura, sem hierarquias entre eles (base para a idéia de “etnociências”), a valorização do patrimônio lingüístico como chave de entendimento de uma cultura (um necessário instrumento de análise do pesquisador no contato com os grupos estudados), e a preocupação com a conservação metódica do patrimônio recolhido.

A obra de Boas introduziu novos temas, novas abordagens e novas fronteiras para a Antropologia, sendo que através da junção de pesquisa e ensino, formou a primeira geração de antropólogos americanos (Edward Sapir, Ralph Linton, Ruth Benedict e Margareth Mead, entre outros).

Uma linha do tempo, apontando a influência de Boas coincide com a identificação dos mais importantes livros da Antropologia Cultural: os livros *Coming of Age in Samoa* (1927) e *Hábitos e Sexualidade na Oceania* (1935) de Mead, *Amstras de Civilização* (1934) de Benedict, *O indivíduo e sua Sociedade* (1939) de Kardiner, *Origem e Função da Cultura* (1943) e *Psicanálise e Antropologia* (1950) de Roheim, *O Povo de Alor* (1944) de Cora du Bois, *Os Fundamentos Culturais da Personalidade* (1949) de Linton, entre outros, permitem vislumbrar o alcance de sua influência.

Esses estudos afirmavam a dimensão cultural de várias determinações que eram percebidas como naturais, ou seja, mostravam de que forma o que se identificava como universal, na realidade, é sempre relativo.

E da mesma forma que se afirma como proposta enriquecedora do fazer antropológico também se coloca como alvo de críticas devido à abordagem demasiadamente empírica (em que as funções, os conflitos e as significações obscurecem a investigação das normas, das regras e os sistemas), 'tipologização' dos comportamentos humanos a partir da intuição e subjetividade do pesquisador, e ênfase na observação do manifesto em detrimento do recalcado e inconsciente (que leva ao desenvolvimento de um relativismo cultural que não permite transformar o estudo das variações culturais da análise da variabilidade da cultura).

Mesmo reconhecendo-se a procedência de tais críticas, deve-se reconhecer também os limites da real ambição do projeto desses autores, a riqueza da particularidade da área de investigação proposta, assim como a amplitude do campo dos materiais recolhidos e dos problemas colocados, como justificativas de sua validação.

As propostas da Antropologia Cultural se aplicariam as palavras de Clifford Geertz (1978:13-14, citando Suzanne Langer):

Certas idéias surgem com tremendo ímpeto no panorama intelectual. Elas solucionam imediatamente tantos problemas fundamentais que parecem prometer também resolver **todos** os problemas fundamentais. Esclarecer todos os pontos obscuros. Todos se agarram a elas como um “abra-te sésamo”, de alguma nova ciência positiva, o ponto central em termos conceituais em torno do qual pode ser construído um sistema de análise abrangente. [...] Entretanto, ao nos familiarizarmos com a nova idéia, após ela se tornar parte do nosso suprimento geral de conceitos teóricos, nossas expectativas são levadas a um maior equilíbrio quanto às suas reais utilizações, e termina a sua popularidade excessiva. Alguns fanáticos persistem em sua opinião anterior sobre ela, a “chave para o universo”, mas pensadores menos bitolados, depois de algum tempo, fixam-se nos problemas que a idéia gerou efetivamente. Tentam aplicá-la e ampliá-la onde ela realmente se aplica e onde é possível expandi-la, desistindo quando ela não pode ser aplicada ou ampliada. Se foi na verdade uma idéia seminal, ela se torna, em primeiro lugar, parte permanente e duradoura do nosso arsenal intelectual. Mas não tem mais o escopo grandioso, promissor, a versatilidade infinita de aplicação aparente que um dia teve.

## **A Antropologia de Florestan Fernandes**

As ciências sociais no Brasil têm em Florestan Fernandes, de forma indiscutível, um de seus maiores nomes, destaque que se justifica, entre outros motivos, por ocupar a posição de fundador e de principal figura do movimento conhecido como a Escola Paulista de Sociologia, nos anos 1960.

No entanto, Peirano (1992:51) nos chama a atenção para o fato de que duas de suas mais importantes obras, *A organização social dos Tupi-*

*nambás* e *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*<sup>8</sup>, escritas entre 1945 e 1952, “são desprestigiados por muitos cientistas sociais, como ‘a fase funcionalista’ do autor, frequentemente ignorados por historiadores e, pelo próprio Florestan Fernandes, considerados como seu ‘período de formação’”.

Tais obras de Florestan Fernandes surgiram em um período em que institucionalmente a palavra ‘Sociologia’ expressava o que atualmente entende-se por ‘Ciências Sociais’, ou seja, áreas afins encontravam-se identificadas sob um só rótulo, pois somente nas últimas décadas a separação entre sociologia, antropologia e ciência política se afirma com maior clareza.

Nesse contexto, concordamos com Peirano (1992:52) que as duas obras de Florestan Fernandes sobre os tupinambás poderiam ser vistas como a fase antropológica do autor, equivalente ao estudo que afirmava o ponto zero da História do Brasil.

O estilo denso e o tema de pouco apelo, de tais trabalhos, são apontados como causas da obliteração dos mesmos:

Os trabalhos são monografias muito estritas e Antônio Cândido chama a atenção para o estilo de Florestan Fernandes. Dizendo que Florestan exige do leitor um grande esforço de concentração, menciona que sua maneira de escrever não é agradável nem amena. Uma comparação com *Os Argonautas* de Malinowski exemplifica seu ponto de vista. Outro aspecto que Antônio Cândido menciona é que os *Tupinambá* nunca forma uma questão de grande interesse, se

---

<sup>8</sup> Cardoso de Oliveira (1996:69) afirma que ouviu Alfred Métraux, autor de *A civilização material dos tupinambás*, tecer os maiores elogios à *Organização Social dos Tupinambás* e dizer que gostaria de tê-lo escrito, e que Robert Turney havia escrito um entusiástico artigo-resenha sobre *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*, em que atribuía a Florestan o papel de recriar o funcionalismo ao utilizá-lo como método de análise para além da pesquisa de campo, em dados bibliográficos.

comparados com os livros posteriores escritos pelo mesmo autor sobre o negro, classes sociais e desenvolvimento. Estes se transformaram em sucesso porque tocavam muito mais a sociedade brasileira; “os Tupinambá interessam apenas aos etnólogos”. (Peirano 1992:55)

Os livros, no entanto, representaram um monumental esforço intelectual do autor, que com 25 anos foi capaz de ler o trabalho de 36 cronistas dos séculos XVI e XVII, comparando os dados levantados sobre 126 tópicos gerais sobre a organização social e 92 tópicos específicos sobre o sistema de guerra, desafiado teórica e metodologicamente, pela utilização dos referenciais funcionalistas para dar conta da ambição de reconstruir a totalidade da sociedade tupinambá, pela precariedade dos recursos de processamento de dados, na época feito através de fichas analíticas, e quadros estatísticos e pela necessária visão histórica crítica capaz de apreciar a variedade e consistência dos dados.

É possível identificar claramente o viés etnográfico no trabalho de Florestan Fernandes<sup>9</sup>:

Quem lê a *Organização Social dos Tupinambá* o faz como se estivesse diante de uma monografia clássica, em que a descrição da distribuição espacial de uma determinada sociedade é seguida por uma aná-

---

<sup>9</sup> A sensibilidade etnológica de Florestan Fernandes se fez presente, segundo Cardoso de Oliveira (1996), desde os primórdios de sua formação, quando se dedicou ao estudo empírico do folclore paulista, em textos como os sobre Amadeu Amaral e Mario de Andrade, em capítulos específicos de seu livro *A Etnologia e a Sociologia no Brasil*, no artigo “Tiago Marques Aipobureu: um Borôro marginal”, em que analisa a complexidade da integração entre culturas distintas, geradora de marginalização psicológica e social, no ensaio “Tendências teóricas da moderna investigação etnológica no Brasil” (elogiado, junto com *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*, por Talcott Parsons), no seu papel de orientação no doutorado de importantes antropólogos, como o próprio Cardoso de Oliveira ou Roque de Barros Laraia, entre outras obras e momentos.

lise do sistema de parentesco, uma discussão do sistema político e, por fim, geralmente, um exame de crenças religiosas. Esta estrutura do livro justifica o comentário que fez Antônio Cândido, ao considerar que, após a publicação de *A Organização Social*, nada se ficava devendo aos antropólogos ingleses. (Peirano 1992:57)

Essa busca de se igualar aos produtores do conhecimento, quer da Europa quer dos Estados Unidos, são os primeiros frutos da universidade recém-criada (a USP), em que as ciências sociais buscam romper com sua limitação enquanto ponto de vista para afirmar-se como pesquisa objetiva da realidade.

Caberá às ciências sociais, através da consolidação de sólidos parâmetros teórico-metodológicos e da superação do ensaísmo de feitio literário em prol de referenciais objetivos mensuráveis, legitimar tal esforço intelectual.

A leitura das anotações de Florestan, sobre o livro *Primitive Art* de Franz Boas, é uma tentativa de recuperar a dimensão antropológica do olhar desse leitor privilegiado, em um momento bastante particular da construção da cena intelectual brasileira e, em particular, das ciências sociais.

## **O *Primitive Art* como espaço de diálogo**

Em um artigo fundamental sobre as concepções de arte, cultura e história em Franz Boas, Almeida (1998) afirma que o estudo da arte e da cultura material, consideradas de maneira episódica pela antropologia posterior, na obra de Franz Boas representa não só uma estratégia de afirmação de seu projeto teórico, mas também um reflexo de sua trajetória institucional.

Segundo Almeida (1998), *Primitive Art* representa a mais complexa articulação entre os níveis “estético” e “afetivo” na obra de Boas, equilibrando-se entre a busca de regularidades e generalidades nos fenômenos portadores de unidade objetiva e a busca de compreensão da singularidade de fenômenos portadores de unidade subjetiva:

Segundo o próprio autor, este livro constitui uma tentativa de descrever analiticamente os traços fundamentais da arte primitiva a partir de dois princípios teóricos provenientes de sua crítica ao evolucionismo: a unidade fundamental dos processos mentais em todas as raças e culturas; e a consideração de todo fenômeno cultural como resultante de acontecimentos históricos. (Almeida 1998:8)

Fundamental é assinalar que na busca de afirmar tal projeto o termo “arte primitiva” tem uma finalidade claramente nominalista que busca antes delimitar a arte estilizada das sociedades sem escritas do que afirmar um objeto teórico definido ou uma categoria analítica.

A leitura anotada de Florestan Fernandes sobre o texto de Franz Boas mostra um momento privilegiado do encontro entre os conhecimentos e referenciais da maturidade intelectual de um etnólogo com o olhar crítico de outro.

Não é o objetivo deste texto discutir como as idéias do culturalismo norte-americano se apresentam à apreciação do ‘funcionalismo’ etnológico brasileiro, nem a orientação teórica de Florestan enquanto etnólogo, mas sim buscar indicadores de seu processo de assinalação do texto de Boas por ele, em um esforço de interpretação entre outros possíveis.

No processo de assinalação do texto, Florestan obedece a três padrões: em primeiro lugar, praticamente toda assinalação tem ao seu lado um comentário, de extensão variada, em segundo, utiliza-se de duas formas de sinalização, o grifo e o chaveamento, o primeiro através do

sublinhado de trechos dos parágrafos e o segundo com a utilização de marcas laterais ao texto, delimitando os trechos dos parágrafos, e em terceiro, alguns comentários estão localizados nas laterais do texto, mas sem nenhuma forma gráfica de delimitação além do próprio texto.

Buscaremos uma reconstituição a mais precisa possível das anotações produzidas por Florestan, reproduzindo todas as assinalações (mesmo que destituídas de comentários por parte do leitor), buscando utilizar os seguintes padrões de acordo com o texto manuscrito: o sublinhado quando for o caso de grifo, o **negrito** para casos de chaveamento, e o *itálico* para trechos em que não foram utilizadas formas gráficas de delimitação, mas onde ocorrem anotações laterais.

Florestan inicia suas observações a partir da delimitação básica do texto, apontando a auto-referência de Boas sobre sua perspectiva teórico-metodológica fundamental, enfatizando as idéias específicas através do grifo: a defesa da unidade psicológica humana e sua perspectiva historicista, uma vez que para o autor tanto a afirmação da existência de uma “mente primitiva” ou “pré-lógica” seria resultado da fragilidade do racionalismo evolucionista, que contrapõe uma causalidade objetiva à influência de fatores subjetivos, como o reconhecimento da unidade psicológica e da diversidade histórica conduz ao caráter comum da emoção estética (associada a uma faculdade humana) e a existência de valores construídos a partir de acontecimentos históricos e, portanto, não transferíveis livremente entre grupos humanos.

Texto	Anotação
<p><i><u>"I believe, should guide all investigations into the manifestations of life among primitive people: the one the fundamental sameness of mental processes in all races and in all cultural forms of the present day; the other; the consideration on every cultural phenomenon as the result of historical happenings."</u></i> (p. 1)</p>	<p>1) unid. psicol. 2) origem histórica</p>
<p><i><u>"Our object is rather an attempt to determine the dynamic conditions under which art styles grow up."</u></i> (p. 7)</p>	<p>objeto</p>

No texto abaixo, em que mais uma vez Boas enfatiza a similaridade dos processos mentais em toda a raça humana, Florestan assinala em dois níveis a assinalação do texto: quando, com o chaveamento, apresenta a importância geral do trecho (o argumento empírico da vivência e de autoridade da formação intelectual como ferramentas de crítica ao evolucionismo) e o grifo que parece buscar delimitar a idéia (não há traços de organização mental inferior e indiferente à raça e cultura, tais processos são os mesmos).

Texto	Anotação
<p><u>“That period lies far behind us and no trace of a lower mental organization is found in any of the extant races of man. So far as my personal experience goes an so far as I feel competent to judge ethnographical data on the basis of this experience, the mental processes of man are the same everywhere, regardless of race and culture, and regardless of the apparent absurdity of beliefs and customs.”</u> (p. 1)</p>	<p>(O trecho chaveado, em negrito, apresenta uma anotação à sua esquerda com a letra “F.”) F. à há um aspecto mecanicista: relação entre personalidade e cultura torna essa afirmação criticável = processo mental à f (condicionamento cultural). A afirmação (palavra não compreendida) o terreno biopsíquico; mas isto não se dá em sua “pureza”! Em suma: atitude “naturalista” diante dos processos mentais: só é verdadeiro = enquanto afirma que as potencialidades psíquicas do organismo humano são idênticas em toda parte.</p>

As anotações de Florestan afirmam uma crítica ao que é percebido como mecanicismo e naturalismo na relação entre personalidade e cultura, uma vez que a similaridade se daria no nível do orgânico.

Florestan parece colocar aqui uma questão que o texto de Boas não está pretendendo responder, porque de um lado o objetivo do autor é criticar as teses evolucionistas dentro de seus próprios referenciais, e de outro, o leitor não contextualiza o trecho frente ao panorama da obra, em que Boas busca separar as noções de raça e cultura, atribuindo à última inegável primazia na análise da vida social.

O leitor chama a atenção para o relativismo de Boas, presente nos trechos seguintes, em que ocorre o questionando da pretensa racionalidade dos referenciais culturais do homem civilizado, e identificam-se críticas ao pensamento evolucionista que se utiliza de conceitos como

“mente primitiva”, pensamento “mágico” ou “pré-lógico” (em que as iniciais L.B. possam ser uma referência a Lévy-Bruhl e suas obras sobre os “sistemas de crenças irracionais dos povos primitivos”).

Texto	Anotação
<p>“The behavior of everybody, no matter to what culture he may belong, is determined by the traditional material he handles, and man, the world over, handles the material transmitted to him according to the same methods. <i>Our traditional experience has taught us to consider the course of objective events as the result of definite, objective causation. Inexorable causality governs here and the outer world cannot be influenced by mental conditions.</i> Hence our hesitating wonder at the phenomena of hypnotism and suggestion in which these lines seem no longer sharply drawn. Our cultural environment has impressed this view upon our minds so deeply what we assume as a fundamental fact that material phenomena, particularly outside of the field of human behavior, can never be influenced by mental, subjective processes. [...]” (p. 1-2)</p>	<p>(Anotação no topo da folha, à esquerda) explicação x causalidade</p>
<p>“<i>The credulity with which fantastic theories bearing upon health are accepted, the constant rise of religious sects with abstruse dogmatic tenets, as well as the fashion in scientific and philosophic theory proves the weakness of our claim to a rational view of the world.</i>” (p. 2)</p>	<p>Trecho sem anotação.</p>
<p>“<i>Anyone who has lived with primitive tribes, who has shared their joys and sorrows, their privations and their luxuries, who sees in them not solely subjects of study to be examined like a cell under the microscope, but feeling and thinking human beings, will agree that there is on such thing as a ‘primitive mind’, a ‘magical’ or ‘prelogical’ way of thinking but that each individual in ‘primitive’ society is a man, a woman, a child of the same kind, of the same way of thinking feeling and acting as man, woman or child in our own society.</i>” (p. 2)</p>	<p>Crítica a L. B.</p>
<p>“<i>Our advantage over primitive people is one greater knowledge of the objective world, painfully gained by the labor of many generations, a knowledge which we apply rather badly and which we, or at least most of us, discard just as soon as a strong emotional urge impels us to do so, and for which we substitute forms quite analogous to those of primitive thought.</i>” (p. 4)</p>	<p>Civilizado x primitivo</p>

Abaixo, o leitor se surpreende com um exemplo sobre as representações simbólicas no interior de rivalidade entre adolescentes, como se tal nível de atrito fosse exclusivo dos germânicos (lembrando que Boas foi adolescente na década de 70 do século XIX) ou identificasse aqui uma confissão pessoal, sobre algum incidente no passado do autor na Alemanha<sup>10</sup>.

Texto	Anotação
<i>“And magic? I believe if a boy should observe someone, spitting on his photograph and cutting in to pieces he would feel duly outraged. I know if this should have happened to me when I was a student, the result would have been a duel and I should have done my level best to do to my adversary ‘in natura’ what he had done to me ‘in effigie’ and I should have considered my success as a compensation for the harm done me; – all this without any psychoanalytic meaning I do not believe that my feelings would have differed much from those of other young men. Again a standardization and dogmatization would bring us right back to ‘magical’ attitudes.”</i> (p. 3)	! ... na Alemanha

Florestan identifica no texto de Boas a interrelação entre os fatores geográficos e sociais e a cultura, expressa em diferentes momentos do texto como uma diretriz teórico-metodológica básica, assim como o repúdio ao evolucionismo que defende um “desenvolvimento unilinear e uniforme das características culturais em todo o mundo, de um desenvol-

---

<sup>10</sup> Creio que a surpresa maior de Florestan foi por interpretar tal fato como uma confissão sobre algum fato marcante do passado de Boas, uma vez que existem diversas referências literárias à prática do duelo como um embate de cavalheiros em algumas partes do Brasil do século XIX, vide nos contos “Duelo de Farrapos”, do escritor regionalista gaúcho Simões Lopes Neto, que relata o duelo entre Bento Gonçalves e Onofre Pires, “Linha Reta e Linha Curva” ou “Balas de Estalo”, de Machado de Assis, em que personagens afirmam ter pensado em duelar para resolver um conflito (ou no “A Cartomante”, do mesmo Machado, em que um triângulo amoroso termina em crime passional, senão um duelo, dois assassinatos).

vimento que segue em toda parte as mesmas linhas”.

Texto	Anotação
<p>“The second fundamental point to be borne in mind is that each culture can be understood only as <u>an historical growth determined by the social and geographical environment in which each people is placed and by the way in which it develops the cultural material that comes into the its possession from outside or through its own creativeness.</u> (p. 4)</p>	<p>Fatores sociais e geográficos } cultura</p>
<p><b>“For this reason we may not start our inquiries and interpretations, as though the fundamental thesis of a single unilineal development of cultural traits the world over, of a development that follows everywhere the same lines, had been definitely proven. If it is claimed that culture has run such a course, the assertion must be proven on the basis of detailed studies of the historical changes in single cultures and by the demonstration of analogies in their development.”</b> (p. 4)</p>	<p>Contra: evolucionismo sem prova</p>
<p><i>“It is safe to say that the critical study of recent years has definitely disproved the existence of far reaching homologues which would permit us to arrange all the manifold cultural lines in an ascending scale in which to each can be assigned in proper place”</i> (p. 5)</p>	<p>F.</p>

A crítica do autor à seus contemporâneos é assinalada de forma pontual pelo leitor, sem comentários, sem apreciações.

Texto	Anotação
<p><i>“Herbert Spinden in his reconstruction of American prehistoric chronology, Alfred Kroeber in his analysis of cultural forms of the Pacific Coast, and quite recently Clark Wissler have built up, founded on this principle a system of historic sequences that appear to me as quite untenable.”</i> (p. 6)</p>	<p>Spinden Kroeber Wissler</p> <p>∞ “quase inaceitável” (refere-se à expressão “quite untenable”, que parece ser melhor traduzido para “completamente inaceitável”)</p>
<p><i>“Equally unsafe are the methods used by Fritz Graebner and Pater W. Schmidt who claim the stability of certain very old and, as I fear, fictitious correlations between cultural traits. It is probably not necessary to point out the utter inadequacy of Elliot Smith’s attempt to reduce all ethnological phenomena to a single, and anthropologically speaking late source and to assume a permanence of cultural forms that exists nowhere”</i> (p. 6)</p>	<p>critica tb. Graebner e Schmidt E. Smith</p>

O inevitável tema da divergência ou convergência como princípio explicativo sobre as origens de similaridade entre padrões culturais nas manifestações da arte primitiva aparece no texto do autor e recebe a assinalação pelo leitor, na busca da identificação das idéias centrais, mas sem a apresentação de nenhum sinal externo sobre a forma como tais idéias foram apreciadas na leitura.

Texto	Anotação
<p><b>“But historical data are not available and when prehistoric research does not reveal sequences of cultural changes, the only available method of study is the geographical one, the study of distribution. [...] I pointed out, in print in 1911 and often before and since that time in speaking that there is a certain homology between universal distribution of cultural facts and their antiquity”</b> (p. 5)</p>	<p>Ratzel F.</p>
<p><b>“It is not difficult to find phenomena that center in a certain region and dwindle down at the outskirts, <u>but it is not true that theses invariably arise on an ancient substratum. The converse is often true, that an idea emanating from a center is diffused over a wide area. Neither may the origin always be looked for in the area of the strongest development.</u>”</b> (p. 6)</p>	<p>F.</p>
<p><b>“Wherever we have detailed information we see forms of objects and customs in constant flux, sometimes stable for a period, then undergoing rapid changes.”</b> (p. 7)</p>	<p>Sociedades primitivas = um constante fluxo</p>
<p><b>“I believe that it may be said that the coherent survival of cultural features that are not organically connected is exceedingly rare, while single detached elements may possess marvelous longevity.”</b> (p. 7)</p>	<p>Cultural-orgânica; persistência = elementos</p>

O leitor assinala de forma enfática a identificação de um dos momentos privilegiados da abordagem de Boas sobre a arte, quando o autor estabelece a dissociação entre os planos estéticos e artísticos, em que se “afirma a universalidade virtual da experiência abarcada pelo primeiro e a relatividade atual de manifestações e valores nos quais se traduzem o segundo” (Almeida 1998:8), o que remete inevitavelmente à concepções da unidade biopsíquica da humanidade e a diversidade de realidades histórico-culturais.

Texto	Anotação
<p><b><u>“No people known to us, however hard their lives may be, spend all their time, all their energies in the acquisition of food and shelter, nor do those who live under more favorable conditions and who are free to devote to other pursuits the time not needed for securing their sustenance occupy themselves with purely industrial work or idle away the days in indolence.</u></b></p> <p><u>Even the poorest tribes have produced work that gives to them esthetic pleasure and those whom a bountiful nature or a greater wealth of inventions has granted freedom from care, devote much of their energy to the creation of works of beauty.”</u> (p. 9)</p>	<p>Citar</p> <p>F.</p>
<p><b>“No matter how diverse the ideals of beauty may be, the general character of the enjoyment of beauty is of the same order everywhere [...]. The very existence of song, dance, painting and sculpture among all the tribes known to us is proof of the craving to produce things that are felt as satisfying through their form, and of the capability of man to enjoy them.”</b> (p. 9)</p>	<p>Caráter geral do prazer proporcionado pela beleza</p>
<p><b><u>“All human activities may assume forms that give them esthetic values.”</u></b> (p. 9)</p>	<p>F.</p>
<p><b><i>“[belezas naturais] all these have esthetic values but they are not art. On the other hand, a melody, a carving a painting a dance, a pantomime are esthetic productions, because they have been created by our own activities.”</i></b> (p. 12)</p>	<p>Arte = produto do homem</p>

Segundo Almeida (1998:9) a concepções da unidade biopsíquica da humanidade e a diversidade de realidades histórico-culturais conduz ao reconhecimento do caráter comum da experiência estética enquanto faculdade humana, e suscita a questão de valores estáveis, relacionados à (im)possibilidade de transmissão de princípios estéticos de um grupo para outro, o que une arte e cultura, em uma perspectiva antropológica

que se quer cultural – e não social.

A análise de Florestan Fernandes assinala pontualmente no texto as idéias que caracterizam a proposta boasiana, sendo lamentável que as anotações tenham um objetivo privado e, portanto, a avaliação de tais idéias muitas vezes não se explicita, nos privando dos seus esforços de síntese.

Em relação à técnica, o leitor identifica a atribuição de alcance geral e de pretensão estética ao desenvolvimento técnico, embora não faça referências ao positivismo e ao anti-idealismo contidos nessa perspectiva e o desdobramento da discussão sobre as teorias sobre a arte decorativa (apontadas por Boas em um famoso artigo de 1896, *“The Limitations of the Comparative Method of Anthropology”*, e citadas por Almeida 1998:10): “a origem realista dos motivos e sua convencionalização gradual; a origem técnica e sua transferência de uma indústria à outra; o caráter secundário da explicação atribuída a motivos provenientes de fontes distintas, e que seria decorrência de associação posterior”.

Texto	Anotação
<p><b><u>“When the technical treatment has attained a certain standard of excellence, when the control of the processes involved is such that certain typical forms are produced, we call the process an art, and however simple the forms may be, they may be judged from the point of view of formal perfection; industrial pursuits such as cutting, carving, moulding, weaving; as well as singing, dancing and cooking are capable of attaining technical excellence and fixed forms. The judgment of perfection of technical form is essentially an esthetic judgment.”</u></b> (p. 10)</p>	<p>Quando = assume valor estético = perfeição formal à julgamento da excelência de uma forma técnica</p>

Texto	Anotação
<p><b><i>“Since a perfect standard of form can be attained only in a highly developed and perfectly controlled technique there must be an intimate relation between technique and a feeling for beauty. [...] Alois Riegl expresses this Idea by saying that the will to produce an esthetic result is the essence of artistic work.”</i></b> (p. 11)</p>	<p>Técnica e sentimento da beleza</p>
<p><b><i>“So far as our knowledge of the works of art of primitive people extends the feeling for form is inextricably bound up with technical experience.”</i></b> (p. 11)</p>	<p>F.</p>
<p><b><i>“The manufactures of man the world over prove that the ideal forms are based essentially on standards developed by expert technicians.”</i></b> (p. 12)</p>	<p>F.</p>
<p><b><i>“The very fact that the manufactures of man in each and every part of the world have pronounced style proves that a feeling for form develops with technical activities. There is nothing to show that the mere contemplation of nature or of natural objects develops a sense of fixed form. Neither have we any proof that a definitive stylistic form develops as a product purely of the power of the imagination of the workman, unguided by his technical experience which brings the forming to his consciousness. It is conceivable that elementary esthetic forms like symmetry and rhythm are not entirely dependent upon technical activities; but these are common to all art styles; they are not specifically characteristic of any particular region. Without stability of form of objects, manufactured or in common use, there is no style; and stability of form depends upon the development of high technique, or in a few cases on the constant use of the same kind of natural products.”</i></b> (p. 11)</p>	<p>Rejeição: explicação ele (sic) próprio da natureza e da capacidade criadora inata.</p> <p>(O trecho chaveado possui um “F.” anotado ao seu lado.)</p>

O formalismo<sup>11</sup> de Boas chama a atenção de Florestan, que localiza no texto a orientação mais estética do que iconográfica do autor, em que a arte primitiva se objetiva em sua dimensão técnico-formal e não a partir de significados culturais conscientemente veiculados, enfatizando “as características específicas do objeto artístico como um objeto e não como um veículo de mensagens simbólicas e/ou sociais extrínsecas a ele” (Almeida 1998:13).

Texto	Anotação
<p><b>“In other words, when the forms convey a meaning, because they recall past experiences or because they act as symbols, a new element is added to the enjoyment. The form and its meaning combine to elevate the mind above the indifferent emotional state of every-day life.” (p. 12)</b></p>	<p>Significado = forma x idéias</p>
<p><b><i>“Since the art of man, the world over, among primitive tribes as well as among civilized nations, contains both elements, the purely formal and the significant, it is not admissible to base all discussions of the manifestations of the art impulse upon the assumption that the expression of emotional states by significant forms must be the beginning of art, or that, like language, art is a form of expression.” (p. 13)</i></b></p>	<p>Os dois efeitos da arte: forma x significação (expressão)</p>
<p><b>“However, significance of artistic form is neither universal nor can it be shown that it is necessarily older than the form.” (p. 13)</b></p>	<p>F.</p>

Como que satisfeito no seu exercício de exegese do texto, terminando a leitura como quem fecha um ciclo (tanto do Prefácio como da Introdução), o leitor minimiza suas anotações textuais, mantendo apenas

<sup>11</sup> Segundo Almeida (1998:13), o formalismo de Boas levou Lévi-Strauss apontar com persistência a relação dessa orientação do autor com o naturalismo e o empirismo e que, embora confunda objeto, técnica e forma, aproxima-se do moderno conceito de forma: cultural e auto-definido.

chaveamentos e grifos como sinais suficientes para delimitar as idéias finais do texto, como marcas que permitam identificar alguns conhecimentos periféricos (haja visto a praticamente ausência do grifo, mecanismo de ênfase maior).

Texto	Anotação
<p><b>“It remains to be seen whether it is possible to derive generally valid laws that control the growth of specific art styles, such as Adama van Scheltema has tried to derive for North European art.” (p. 7)</b></p> <p><b>“The drawings were made by Mr. W. Baake, Miss M. Franziska Boas and Miss Lilian Sternberg.” (p. 8)</b></p>	<p>Chaveamentos sem anotações.</p>
<p><b>“[...] primitive art is expressive of definite ideas.” (p. 13)</b></p> <p><b>“Our views agree fundamentally with those of Fechner [autor do livro <i>Vorschule der Ästhetik – Curso de Estética</i>] who recognizes the ‘direct’ appeal of the work of art on the one side and the associated elements that give a specific tone to the esthetic effects on the other.” (p. 13)</b></p> <p><b><i>“Even when the artist is intent only upon the repetition of what he has in mind he does so with as least the subconscious purpose of communicating his ideas, of influencing others.” (p. 14)</i></b></p> <p><b>“However, he assumes that these forms, while devoted first of all to practical purposes, are intended at the same time to serve an esthetic need that is felt by the people.” (p. 15)</b></p> <p><b>“Emil Stephan concludes from his detailed discussion of Melanesian art that technical motives offer no sufficient explanation for the origin of artistic forms”. (p. 15)</b></p> <p><b><i>“Alfred C. Haddon and W. h. Holmes seek the origin of all decorative art in realism “ (p. 15)</i></b></p>	<p>Chaveamentos e grifos sem anotações.</p>

Texto	Anotação
<p><b>“Alois Riegl is also inclined to stress the representative character of the most ancient art forms, basing his argument essentially upon the realistic Paleolithic carvings and paintings.” (p. 16)</b></p> <p><b>“Setting aside the assumed sequence of these two aspects, his viewpoint is distinguished from that of the authors referred to before, by the recognition of the principle of form as against that of content.” (p. 16)</b></p>	

## Considerações finais

Como *voyeurs* acadêmicos, somos convidados a observar a forma como duas mentes poderosas estabeleceram contato através de um documento, que não tinha função pública, destinado originalmente a subsidiar um esforço de exegese e síntese do leitor, em que se vislumbra o diálogo intelectual, entre o escritor Boas e o leitor Florestan, desafiando-nos a intuir, decifrar, traduzir, interpretar uma experiência de leitura<sup>12</sup>.

Tanto para a escrita quando para a leitura é fundamental a afirmação de uma ‘instância’, a afirmação de um conjunto de referências para guiar a atividade seletiva no fluxo da consciência, refletindo o propósito do leitor/autor em apresentar em primeiro plano certos aspectos e deixar outros à margem.

No processo de afirmar-se a ‘instância’ estabelece-se ligações entre a

<sup>12</sup> Como afirma Derrida (1997:98) sobre os arquivos e os documentos: “el archivo reserva siempre un problema de traducción. Singularidad irremplazable de un documento que hay que interpretar, repetir, reproducir, más en su unicidad original cada vez; un archivo debe ser idiomático y, por tanto, a la vez ofrecido y hurtado a la traducción, abierto y sustraído a la interacción y a la reproductibilidad técnica.”

situação, o propósito, o equipamento lingüístico-experiencial do leitor ou do autor que vão orientando a atenção para os significados públicos e privados, bem como as associações a eles correspondentes (Rosenblat 1994:1073).

Enquanto o texto de Boas afirma uma ‘instância’ eferente e estética, propondo-se tanto a demonstrar racionalmente como oferecer um deleite estético, ou seja, compreender e fluir a arte primitiva para os possíveis leitores, as anotações de Florestan Fernandes visam ativar um processo seletivo claramente eferente, trazendo em sinais e textos telegráficos um conjunto de referenciais analíticos capazes de despertar vínculos simbólicos de natureza pessoal, privada, e que buscamos perceber de maneira similar.

Enquanto o conjunto de notas, esquemas e esboços feitas por um autor em redações ou versões de textos literários que antecedem sua publicação são classificados como ‘paratextos’, objetos de caráter fragmentário e indicativo, que na forma de “lembretes, esboços, sínteses, desgarrados ou não do manuscrito principal, comprimidos nas entrelinhas, na margem de textos impresso”, entre outros tipos de vestígios, desafia a crítica genética à analisá-los e interpretá-los (Lopez 1990), as anotações de Florestan, não atendem plenamente à essa categoria<sup>13</sup>, mas a partir de elementos de natureza extremamente semelhante, delimita uma recriação sobre o texto original, em que o leitor se apropria de uma forma específica de interpretação, e os sinais e as marcas apontam *insights*, lembranças, esquecimentos e omissões.

---

<sup>13</sup> O conceito de paratexto, desenvolvido por Gerard Genette, refere-se aos elementos que, para além da “seqüência mais ou menos longa de declarações verbais que são mais ou menos dotadas de significação”, o adornam e reforçam em sua identidade, sejam produções verbais ou não (o nome do autor, um título, um prefácio, a tradução, as ilustrações, entre outros). Esses elementos, que nem sempre são percebidos como pertencendo ao texto, o rodeiam e o estendem, apresentando-o.

Lamentamos que a produção conhecida de Florestan não se ligue diretamente ao tema do livro de Boas, de modo que localização de pontos de absorção ou descarte de referenciais de análise não seja possível, mas a importância que o leitor e o autor alcançaram dentro de seus respectivos campos profissionais, a clara diferença na orientação teórico-metodológica de cada um e a explicitação do esforço de análise do texto empreendido pelo leitor ao longo do texto, são justificativas pela legitimação do presente artigo.

No contato com o texto buscamos mapear o documento, procurando, ao mesmo tempo, delimitar o esforço interpretativo do leitor através do reconhecimento do material criado por ele, a partir dos vestígios formados pelas suas anotações e marcas, assim como identificar e descrever informações que possam interessar a futuros pesquisadores, interessados nas discussões teóricas, no jogo de remissões, nas pistas de convergências e divergências, entre outros enfoques teóricos e refinamentos de habilidade interpretativa.

## **Bibliografia**

- AB'SABER, Aziz Nacib. s.d. "A trajetória de um pioneiro". *Folha de São Paulo*. (disponível em <http://geosfera.vilabol.uol.com.br/aziz.htm> e em [http://iff.org.br/Upload/PlanoDiretor/florestan\\_fernandes/publicacoes/trajetoria\\_de\\_um\\_pioneiro.pdf](http://iff.org.br/Upload/PlanoDiretor/florestan_fernandes/publicacoes/trajetoria_de_um_pioneiro.pdf) ; acessados em 09/11/2005)
- AGUIAR, Raquel. 2001. "De Vicente a Florestan". *Ciência Hoje* (disponível em <http://www2.uol.com.br/cienciahoje/perfis/florest/florest2.htm> ; visitado em 01/05/2004)
- ALMEIDA, Kátia Maria Pereira de. 1998. "Por uma semântica profunda: arte, cultura e história no pensamento de Franz Boas". *Mana – Estudos de Antropologia Social*, 4(2):7-34.

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento & GRACIA, Sylvia. 2003. *Florestan Fernandes: mestre da sociologia moderna*. Brasília: CAPES/ Paralelo 15.
- BOAS, Franz. 1951. *Primitive Art*. New York: Capitol.
- \_\_\_\_\_. 2004. *Antropologia cultural*. (Celso Castro, org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CANDIDO, Antonio. 1985. "Literatura e cultura de 1900 a 1945". In *Literatura e sociedade*, pp. 109-138. São Paulo: Editora Nacional.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1996. "O ensino antropológico de Florestan Fernandes: recordações de um ex-aluno". *Revista da USP*, 29: 66-71.
- CARVALHO, Mario César. 2000. "FHC fala sobre Gilberto Freyre". *Folha de São Paulo*, 12/03/2000.  
(disponível em [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/critica/artigos\\_imprensa/fhc\\_fala\\_gf.htm](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/critica/artigos_imprensa/fhc_fala_gf.htm) ; visitado em 09/11/2005)
- CORRÊA, Mariza. 1988. "Traficantes do excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 6, vol. 3:79-98.
- CUCHE, Denys. 1999. "Franz Boas e a concepção particularista de cultura". In *A noção de cultura nas ciências sociais*, pp. 39-48. Bauru: USC.
- DERRIDA, Jacques. 1997. *Mal de arquivo: una impresión freudiana*. Madrid: Trotta.
- FERNANDES, Florestan. 1963. *Organização social dos Tupinambás*. São Paulo: Difel.
- \_\_\_\_\_. 1970. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo: Pioneira.
- \_\_\_\_\_. 1975. *A etnologia e a sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. 1978. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática.
- GEERTZ, Clifford. 1978. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. 2003. *O saber local*. Petrópolis: Vozes.
- GENETTE, Gerard & LEWIN, Jane E. 1997. *Paratexts: Threshold of Interpretation – Literature, Culture, Theory*. Cambridge: University Press.
- GRACIA, Sylvia. 2002. *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan*. São Paulo: Ed. 34.

- GRAFTON, Anthony. 1998. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Campinas: Papirus.
- KEESING, Felix. 1972. "Historicismo". In *Antropologia Cultural*, pp. 232-236. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- LAPLANTINE, François. 2000. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense.
- LOPEZ, Telê Ancona. 1990. "Textos, etapas, variantes: o itinerário da escrita". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 31:147-159.
- MARTINS, José de Souza. 1998. *Florestan: Sociologia e consciência social no Brasil*. São Paulo: EDUSP.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. 2002. "Escola americana ou Difusionismo Americano". In *Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas*, pp. 230-236. Petrópolis: Vozes.
- MICELI, Sérgio. 1995a. *História das Ciências Sociais no Brasil – vol. 1*. São Paulo: Sumaré.
- \_\_\_\_\_. 1995b. *História das Ciências Sociais no Brasil – vol. 2*. São Paulo: Sumaré.
- MOURA, Margarida Maria. 2004. *Nascimento da antropologia cultural: a obra de Franz Boas*. São Paulo: Hucitec.
- PEIRANO, Mariza G. S. 1992. *Uma antropologia no plural*. Brasília: Edunb.
- ROSENBLAT, Louise M. 1994. "The Transactional Theory of Reading and Writing". In RUDDER, Robert B. et alii: *Theoretical Models and Processes of Reading* pp. 1057-1092. Newark, Del.: IRA.
- STOCKING, George W., Jr. 2004. *A formação da antropologia americana: 1883-1911*. São Paulo: Contraponto.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1999. "Etnologia indígena". In MICELI, Sérgio (org.): *O que ler nas ciências sociais, vol. 1: Antropologia*. São Paulo: Sumaré.

Recebido em agosto de 2005

Aprovado para publicação em novembro de 2005

